



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
COORDENAÇÃO DE ARQUIVOLOGIA**

WALTER ANDRIOLA BANDEIRA

**PADRE JOÃO ANDRIOLA (1934-2011), VIDA E FÉ: ARQUIVOS PRIVADOS DE
FAMÍLIA**

**JOÃO PESSOA
2024**

WALTER ANDRIOLA BANDEIRA

**PADRE JOÃO ANDRIOLA (1934-2011), VIDA E FÉ: ARQUIVOS PRIVADOS DE
FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia do Departamento de Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita

**JOÃO PESSOA
2024**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A573p Andriola, Walter Bandeira.

Padre João Andriola (1934-2011), vida e fé: arquivos privados de família / Walter Bandeira Andriola. - João Pessoa, 2024.

46 f. : il.

Orientação: Valdir de Lima Silva.

TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Padre João Andriola. 2. Arquivos pessoais. 3. Memória. 4. Comunidade Católica Paraibana. I. Silva, Valdir de Lima. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 930.25



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

FOLHA Nº 11 / 2024 - CCSA - CARQ (11.01.13.08)

Nº do Protocolo: 23074.042712/2024-67

João Pessoa-PB, 27 de Maio de 2024

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

WALTER BANDEIRA ANDRIOLA

PADRE JOÃO ANDRIOLA (1934-2011), VIDA E FÉ:

arquivos privados de família

Artigo apresentado ao Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Arquivologia.

Data de aprovação: 8 de maio de 2024

Resultado: APROVADO

BANCA EXAMINADORA:

Assinam eletronicamente esse documento os membros da banca examinadora, a saber: Prof. Dr. Valdir de Lima Silva (orientador) e Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula (membro). A banca teve como membro externo a Profa. Ma. Gerlane Farias Alves (UEPB).

(Assinado digitalmente em 27/05/2024 20:44)

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1272602

(Assinado digitalmente em 27/05/2024 22:44)

VALDIR DE LIMA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 3304182

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **11**, ano: **2024**, documento(espécie): **FOLHA**, data de emissão: **27/05/2024** e o código de verificação: **94c9d0cf2e**

Dedico esta grande conquista à minha amada esposa Silmara Braz Leite Andriola (in memorian), e aos meus amores, nossos frutos: Guilherme e Stephanie Leite Andriola.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus soberano, que rege nossas vidas.

Agradeço extraordinariamente ao meu mestre e orientador, Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita, pela infinita paciência, humildade e destreza na construção deste trabalho, contribuindo singularmente para a realização desse sonho.

À minha esposa Silmara (in memorian), que, pela inspiração de Deus, fez a minha inscrição para o ENEM, acreditando na minha capacidade intelectual, como também a Guilherme e Stephanie pelo carinho e companheirismo, me incentivando, sempre comemorando comigo as nossas conquistas.

Ao meu pai, Vicente Andriola (in memorian) e à minha mãe, Maria Bandeira, que, com muito amor e dedicação, me ajudaram e orientaram na condução dos melhores caminhos; aos meus irmãos, Wagner, Walder, Walker e irmãs Magda e Juliana, pessoas as quais também externo toda a minha gratidão.

A todos os meus familiares, tios (as), primos (as), sobrinhos(as) e cunhados (as), pelo respeito e amor dispensados.

Aos amigos(as), pelo carinho e solidariedade e aos meus (minhas) sobrinhos(as) da CCB (Congregação Cristã do Brasil), pelo acolhimento em seus corações, pelo respeito e orações em meu favor.

A todo corpo docente do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, com quem tive a honra de estar em sala de aula, on-line e presencial no curso de Arquivologia, compartilhando conhecimento, informação e criando elos de admiração e amizade.

Aos (as) estimados colegas de sala de aula, que me ajudaram solidariamente, me incentivaram a prosseguir na trajetória acadêmica e pacientemente me abraçaram.

A todos os (as) profissionais da UFPB, que na execução do seu labor, contribuíram para o bom funcionamento dessa instituição: GRATIDÃO!

“A lembrança foi perdendo
a trama exata tecida
até um sépia diluído
de fotografia antiga.
Mas o que perdeu de exato
de outra forma recupera:
que hoje qualquer coisa de um
traz da outra sua atmosfera”

(João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

Este estudo aborda os arquivos privados de família, tendo como sujeito o Padre João Andriola (1934-2011), destacando sua trajetória e a importância de preservar sua memória como parte da Igreja Católica no estado da Paraíba. A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, bibliográfica, explicativa e documental, incluindo fontes orais obtidas por meio de entrevistas com pessoas que conviveram com o protagonista do estudo. A base teórica inclui os conceitos de arquivos permanentes, arquivos de família, memória e a escrita de si. Os resultados indicam que a pesquisa em acervos familiares revela tesouros ocultos que enriquecem a memória local e podem abrir novas oportunidades profissionais em consultorias especializadas em arquivos. Conclui-se que Padre João Andriola deixou um legado significativo para a comunidade católica e sociedade paraibana, com parte de sua memória preservada e difundida através da escrita de si.

Palavras-chave: Padre João Andriola; Arquivos de Família; Memória; Comunidade Católica Paraibana.

ABSTRACT

This study addresses the family private archives, focusing on Father João Andriola (1934-2011), highlighting his trajectory and the importance of preserving his memory as part of the Catholic Church in the state of Paraíba. The research adopts a qualitative, bibliographical, explanatory, and documentary methodological approach, including oral sources obtained through interviews with individuals who lived alongside the subject of the study. The theoretical framework includes the concepts of permanent archives, family archives, memory, and self-writing. The findings suggest that research into family collections unveils hidden treasures that enrich local memory and may create new professional opportunities in specialized archive consultancy. It is concluded that Father João Andriola left a significant legacy for the Catholic community and the society of Paraíba, with part of his memory preserved and disseminated through self-writing.

Keywords: Father João Andriola; Family Archives; Memory; Paraíba Catholic Community.

LISTA DE SIGLAS

CCB: Congregação Cristã no Brasil

CI: Ciência da Informação

DBTA: Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

FURG: Universidade Federal do Rio Grande

MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização

NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística

PC: Plano de Classificação

PPGCI: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

SUDENE: Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

TTDA: Tabela de Temporalidade de Documentos de Arquivos

UEL: Universidade Estadual de Londrina

UEPB: Universidade Estadual da Paraíba

UFCM: Universidade Federal de Santa Maria

UFF: Universidade Federal Fluminense

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFS: Universidade Federal do Espírito Santo

UNB: Universidade de Brasília

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UNIRIO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UFAM: Universidade Federal do Amazonas

UFBA: Universidade Federal da Bahia

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA: Universidade Federal do Pará

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

UNIASSELVI: Centro Universitário Leonardo da Vinci

LISTA DE IMAGENS

Foto 1 - Família Andriola, Cajazeiras, PB, 1967.	26
Foto 2 - Ordenação sacerdotal do Padre João Andriola (Ajoelhado, ao centro).	29
Foto 3 - Casa paroquial de Pe. João Andriola.	32
Foto 4 - Gruta Nossa Senhora de Fátima, em Santana de Mangueira-Pb.	33
Foto 5- Missa dos 25 anos de sacerdócio de Pe. João.	34

SUMÁRIO

1	“QUE A FAMÍLIA COMECE E TERMINE SABENDO ONDE VAI”: INICIANDO OS TRABALHOS.....	13
2	REFERENCIAL METODOLÓGICO: COMO REALIZAMOS A PESQUISA.....	16
3	REFERENCIAL TEÓRICO: CONCEITUANDO, REVENDO, TRAZENDO.....	19
3.1	ARQUIVOS PERMANENTES E ARQUIVOS PRIVADOS DE FAMÍLIA: MEMÓRIAS A SEREM REVELADAS.....	20
3.2	MEMÓRIA, PARA QUE TE QUERO?.....	23
3.3	A ESCRITA DE SI, DE MIM, DE OUTREM.....	24
4	JOÃO CARTAXO ANDRIOLA, O PADRE JOÃO ANDRIOLA (1934- 2011): ARQUIVOS PRIVADOS DE FAMÍLIA.....	26
5	RESULTADOS DA PESQUISA: ONDE CHEGAMOS.....	38
6	CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS: PARA ONDE VAMOS?.....	41
	REFERÊNCIAS.....	42

1 “QUE A FAMÍLIA COMECE E TERMINE SABENDO ONDE VAI”: INICIANDO OS TRABALHOS

Considerando o nosso sujeito de estudo, a saber: o Padre João Andriola, apresentamos um arquivo privado de família, onde me encontro na condição de parente do pároco ao qual trazemos à baila o seu arquivo. Como descendente direto, digo, sobrinho, compreendi durante as aulas práticas de Gestão de Arquivos Permanentes, que eu tinha um tesouro guardado em família e que este acervo poderia ser o meu objeto de trabalho de conclusão de curso e fui seguindo nesta busca, familiarizando-me com o tema, redescobrimo o arquivo da minha família e em especial, do meu tio que sempre admirei e logo compreendi que outras pessoas também o admiravam, gerando uma visão de que o seu pouco acervo, apesar de ser algo privado pessoal, era de interesse coletivo, visto que o mesmo fazia parte de uma sociedade religiosa, pastoreava pessoas, realizando ações em prol de um coletivo. Para ampliar as fontes documental, partimos para o arquivo privado da família Andriola.

Até chegar à decisão da escolha pelo tema que me é tão próximo e talvez por isto tão difícil de administrar enquanto objeto de estudo, precisei confrontar as minhas próprias certezas, na busca de uma resposta que pudesse ser importante para a literatura em questão, precisando problematizar para encontrar uma solução. As indagações foram muitas e perduraram durante todo o trabalho, num exercício racional de trazer o sujeito para o cerne das discussões sobre arquivos privados de família.

Pensando na Arquivologia, como sendo uma ciência ainda jovem no Brasil, no que se refere a criação dos cursos (década de 1970), surgiram várias indagações a respeito do tema proposto nesse trabalho: Há muitos trabalhos sobre arquivos privados pessoais? E sobre arquivos de família? Um acervo solitário somado a um acervo de família pode contribuir para a preservação de uma memória coletiva? Há instituições de memórias desses acervos? Há uma legislação e mesmo políticas públicas que fomentem essas pesquisas e criações dessas instituições de memória? Estas foram muitas das questões problemas que pululam em nossas cabeças até que pudéssemos formular uma pergunta para este trabalho: **Como ressignificar a trajetória do Padre João Andriola através do arquivo de família?** Esta pergunta norteou a pesquisa supra ordenada.

Uma vez que definimos o nosso objeto, sujeito da pesquisa e problematizando a temática, elaboramos os objetivos, a saber: Objetivo Geral: Ressignificar uma trajetória do

Padre João Andriola (1934-2011) através do arquivo de família e como Objetivos Específicos: Analisar a importância do arquivo da família Andriola para a preservação da memória do Padre João Andriola; Compreender a dimensão religiosa, social e política do Padre João Andriola na Paraíba.

Dentre as justificativas que elencamos para a realização deste trabalho, compreendemos que os arquivos privados de família ocupam um lugar de memória em todas as sociedades de todos os países, quer sejam as ditas letradas, quer sejam comunidades tradicionais que não fazem uso da escrita. Os documentos de arquivos não estão restritos aos textuais, mas em todos os suportes, sendo parte integrante da própria condição humana, o ato de guardar documentos para fins diversos.

Os arquivos privados pessoais vêm despertando uma crescente busca por pesquisas dentro da Arquivologia, fomentando a criação de grupos de estudos, projetos de extensão, eventos da área, etc.

Sobre o processo de propagação deste tema na Arquivologia, Córdula (2014, p. 36) compreende que:

O reconhecimento da importância dos arquivos pessoais no Brasil, iniciou-se entre 1960 e 1970, com a criação de várias instituições, governamentais ou privadas, dotadas de interesse em reunir arquivos privados pessoais. A maior parte dessas instituições concentrava-se nos dois maiores polos culturais do país, que são os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Essa configuração sofreu, na última década, uma ampliação envolvendo outros estados brasileiros, incluindo-se estados do Nordeste, onde ainda se percebe certa lentidão na valorização desses acervos, revelando um cenário contraditório quando comparado à realidade brasileira.

É como se os grandes movimentos de reconhecimento, validação dos saberes científicos passassem primeiro pelo crivo dos olhares vindos das instituições localizadas no eixo Rio-São Paulo para depois se propagarem pelo país. A autora supra citada garante que na Paraíba este movimento de se reconhecer os arquivos privados pessoais como relevantes, ocorreu por iniciativa da Fundação José Américo de Almeida, com os arquivos dos governadores da Paraíba. Esses arquivos por sua vez, foram de chefes de estado, todos homens, brancos, representantes das elites políticas.

No nosso corte metodológico, trabalhamos com pesquisa bibliográfica, descritiva e documental, a partir da coleta de dados bibliográficos e de informações de fontes diversas: orais, escritas e documentais (fotográficas), disponibilizadas através de entrevistas com pessoas amigas e familiares do Padre João Andriola, onde realizamos uma breve trajetória do sujeito

em estudo e documental, a partir da pesquisa realizada em seu arquivo privado pessoal e de sua família com o auxílio de um livro que narra parte desta trajetória. Fizemos também algumas entrevistas para colher depoimentos de pessoas que testemunharam a sua trajetória ou parte dela. Sobre o corte teórico, trabalhamos com arquivos permanentes privados pessoais, de família, memória e escrita de si.

O trabalho ficou organizado em seis capítulos, a saber: 1. “Que a família comece e termine sabendo onde vai”, onde apresentamos o tema, o sujeito, os problemas e os objetivos gerais e específicos; 2. Corte Metodológico, disserta a realização da pesquisa e a metodologia que melhor se adequa ao objeto de estudo; 3. Referencial Teórico, conceitua o tema em questão e os autores e autoras referências no assunto; 4. “João Cartaxo Andriola, o Padre João Andriola (1934-2011), apresenta o homem e o Padre através do seu arquivo privado pessoal e de família, 5. Resultados e 6. Considerações.

Compreendemos que dentre os resultados apresentados, trouxemos um tema que aborda a questão da importância da preservação documental pessoal e coletiva, para fins de pesquisa e preservação da memória por intermédio de elementos textuais, imagéticos, que apresentam um percurso percorrido pelo sujeito. Seguimos agora com o nosso corte metodológico.

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO: COMO REALIZAMOS A PESQUISA

Para alcançarmos nossos objetivos, a pesquisa em tela/papel impresso, optamos por ser bibliográfica, com autoras e autores que versam sobre o tema da memória e dos arquivos privados de família. Trata-se também de uma pesquisa explicativa e documental, onde serão utilizados documentos diversos (fotografias) do acervo do Padre João Andriola e o uso de entrevistas orais, para compreendermos sua trajetória e a formação do seu arquivo pessoal. Sobre o conhecimento científico, Köche (2011, p.30) diz que ele:

(...) é expresso sob a forma de enunciados que explicam as condições que determinam a ocorrência dos fatos e dos fenômenos relacionados a um problema, tornando claros os esquemas e sistemas de dependência que existem entre suas propriedades.

Uma vez que delimitamos um problema, procedemos com as escolhas pelos métodos de pesquisas que conduzirão o nosso fazer. A partir da escolha do tema, do sujeito, optamos por uma qualitativa, que segundo (Creswell, 2012): “é um processo ativo de descoberta que não se limita a testar teorias preexistentes, mas busca gerar novas hipóteses e entendimentos a partir das interações entre pesquisador e participantes.” Para Marshall e Rossman (2016): “A abordagem qualitativa permite uma exploração rica e detalhada de questões complexas através da coleta de dados em tempo real e da imersão no contexto específico do estudo.” Fachin (2002) assevera que:

O conhecimento científico surge da necessidade do ser humano de compreender e se aperfeiçoar, sendo caracterizado pelo estudo sistemático e procedimentos metodológicos.”

Fonseca (2002) diz que:

Methodos significa organização, e logos, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Concordando com Fonseca (2002), entendemos que a princípio, toda pesquisa deve ser bibliográfica, onde depois de escolhermos o tema, delimitarmos os problemas, elaborarmos os objetivos, precisamos fazer uma pesquisa sobre as fontes primárias e deveremos buscar o que se tem escrito sobre o referido tema. Para Lakatos (2003, p.182):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material

cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Nesta busca, conforme sugere acima Lakatos (2003), encontramos na web algumas notícias em blogs, sites e jornais paraibanos sobre o nosso sujeito e descobrimos que havia um livro publicado por ele em 2004, que serviu como fonte secundária sobre o mesmo. O livro foi um trabalho autobiográfico onde o autor fez uma narrativa de sua vida com ênfase no papel de religioso e introduziu ao corpo do trabalho, cartas de fiéis que se curaram de enfermidades através das missas de curas realizadas pelo mesmo. O Padre João Andriola realizava diversas atividades sociais, o que, segundo Gomes (2004, p. 13), essas ações “podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser decomposto em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.”

Por ser uma pesquisa explicativa, apresentamos alguns conceitos, a exemplo do elaborado por Triviños (1987, p. 109), onde ele afirma que “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. O autor destaca que pode servir ainda “para levantar possíveis problemas de pesquisa”. Para Saunders, Lewis e Thornhill (2000):

Os estudos exploratórios são desenvolvidos primordialmente por meio de pesquisas bibliográficas, com denso diagnóstico na literatura; em conversas com outros pesquisadores especialistas na área, buscando informações sobre as especificidades do fenômeno pesquisado; e pela condução de entrevistas em grupos focais.”

A pesquisa documental foi de grande relevância para a realização deste trabalho, onde, após o levantamento bibliográfico, fizemos um trabalho de catalogação dos bens materiais do Padre João Andriola. Sobre este tipo de pesquisa, Lakatos (2003, p. 174) entende que:

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.

Como um dos instrumentos de coleta de dados para a pesquisa, definimos o uso da fonte oral, através de entrevistas livres e a análise documental a partir do acervo do sujeito pesquisado, seus escritos, dos álbuns de família, do pouco mobiliário e também poucos objetos deixados por ele.

Sobre a nossa escolha metodológica, a história oral, trouxemos algumas autoras e autores para dialogar com o trabalho, a exemplo de Delgado (2006, p.15) que afirma que:

A chamada história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações.”

Já Figueiredo (2022, p. 1) assevera que:

Essa metodologia tem a finalidade de, a partir da realização e gravação de entrevistas, registrar, dentre as variadas possibilidades, as experiências e relatos de sujeitos que testemunharam fatos históricos, movimentos sociais, culturais, trajetórias pessoais e institucionais.

O método de coleta de dados se deu a partir das entrevistas que foram realizadas pessoalmente e pelo recurso de mensagens de WhatsApp entre os meses de agosto de 2023 a abril de 2024, com narrativas livres sobre a vivências de pessoas da família, amigas e paroquianas que conviveram com o mesmo, num total de sete pessoas, sendo alguns, casais que participaram de forma conjunta. Através das informações documentais coletadas, a partir das entrevistas, intencionamos possibilitar uma reflexão acerca dos feitos do Padre João Andriola, no seu exercício sacerdotal, como também da sua trajetória de vida social e sua influência na comunidade católica e na sociedade paraibana, pelos lugares por onde ele passou.

No contexto da responsabilidade social, abarcamos as informações coletadas, salvaguardando-as, sob o ponto de vista arquivístico, com a finalidade de promover a oportunidade do acesso ao conhecimento disponível, para a sociedade científica, religiosa, através do acervo pessoal do Padre João Andriola.

Seguimos as seguintes etapas: Escolha do tema, escrita do projeto, coleta de dados com realização de entrevistas, catalogação de documentos em diversos suportes, pesquisas em fontes primárias, secundárias, análise de conteúdos e escrita do artigo. Seguimos agora com o nosso corte teórico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: CONCEITUANDO, REVENDO, TRAZENDO.

O corte teórico é o alicerce de uma pesquisa. Não existe um bom trabalho sem um bom referencial. Nesta esteira pretendemos proporcionar um diálogo dentro da Ciência da Informação, a partir de conceitos sobre arquivos permanentes, arquivos privados pessoais e de família, sobre a memória e sobre a escrita de si. Compreendemos que há uma confluência entre estes estudos e que o aumento de olhares dentro da Arquivologia para os arquivos privados pessoais e de família, tem crescido e contribuído para uma ampliação do leque de pesquisas acadêmicas. Buscamos autoras e autores que dialogam com a nossa temática, objeto de estudo e com o sujeito da pesquisa, como veremos adiante.

Capurro (2003, p.184) argumenta que “a informação é um fenômeno social”, considerando a informação e a memória como produtos sociais e que emergem de grupos sociais.” De acordo com Malheiro (2006, p. 140):

Ciência da Informação é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamentos informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transformação e utilização da informação).

A CI, representada pelo seu braço da Arquivologia, tem sido responsável pela criação de diversos programas de pós-graduação nas universidades federais do Brasil. Na Paraíba, o PPGCI tem uma área de concentração sobre: Informação, Conhecimento e Sociedade, que tem ocupado um importante espaço na produção de trabalhos na linha de Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Por sua vez, os cursos de graduação em Arquivologia têm absorvido docentes com formação em pós-graduação nestes programas, e isso tem refletido diretamente em orientações de trabalhos de conclusão de cursos na linha da memória. Este movimento vem contribuindo para a salvaguarda de muitos acervos que estavam fadados ao desaparecimento por motivos diversos, pessoas que desenvolveram atividades relevantes em suas áreas de atuação que viveram ou vivem num ostracismo, sendo invisibilizadas, algumas, sequer sabem de suas importâncias para a sociedade da qual fazem parte.

Para compreender a relevância da trajetória do Padre João Andriola, precisamos posicionar a temática a qual ele está inserido, dentro de algumas teorias, a saber: Arquivos Permanentes e Arquivos Privados de Família, Memória e Escrita de Si, conforme veremos a seguir.

3.1 ARQUIVOS PERMANENTES E ARQUIVOS PRIVADOS DE FAMÍLIA

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, podemos afirmar que a Arquivologia é a "Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e métodos a serem observados na produção, organização, guarda e utilização dos arquivos" (BRASIL, 2005, p. 37). Ainda segundo o mesmo Dicionário, sobre o arquivo, ele diz que é um:

Conjunto orgânico de documentos, independente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou coletiva, ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua atividade e conservados a título de prova ou informação.

As práticas de se arquivar documentos nos acompanham desde as sociedades remotas e foram se moldando de acordo com o crescimento das cidades e a evolução tecnológica ao longo dos séculos e nos últimos anos, foram se criando cursos de Arquivologia no mundo. No Brasil, a criação destes cursos se deu de forma muito lenta e gradativa, espalhando-se pelas diversas regiões do país nos idos da década de 1970. Este aumento deve-se muito a Lei nº 6.546/1978 que reconhece a profissão de arquivista. Para explicar a criação desses cursos, Rocha (2021) elaborou um quadro de distribuição dos Cursos de Arquivologia no Brasil com o ano de criação deles, como veremos a seguir:

Universidade Sigla Estado/Região Ano de criação "Universidade Federal de Santa Maria UFSM RS/Sul 1976; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO RJ/Sudeste 1977; Universidade Federal Fluminense UFF RJ/Sudeste 1978; Universidade de Brasília UnB DF/Centro-Oeste 1990; Universidade Estadual de Londrina UEL PR/Sul 1997; Universidade Federal da Bahia UFBA BA/Nordeste 1997; Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS RS/Sul 1999; Universidade Federal do Espírito Santo UFES ES/Sudeste 1999; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Marília SP/Sudeste 2003; Universidade Estadual da Paraíba UEPB PB/Nordeste 2006; Universidade Federal da Paraíba UFPB PB/Nordeste 2008; Universidade Federal do Rio Grande FURG RS/Sul 2008; Universidade Federal de Minas Gerais UFMG MG/Sudeste 2008; Universidade Federal do Amazonas UFAM AM/Norte 2008; Universidade Federal de Santa Catarina UFSC SC/Sul 2009; Universidade Federal do Pará UFPA PA/Norte 2011; Centro Universitário Leonardo da Vinci UNIASSELVI SC/Sul 2020" (ROCHA, 2021, P.69).

No total, no Brasil existem 16 cursos criados por universidades federais e estaduais e apenas um criado pela iniciativa privada, sendo um número ainda muito pequeno diante das necessidades de se fazer gestão documental, das pessoas profissionais e arquivos ocuparem os postos e trabalho nas diversas instituições do primeiro, segundo e terceiro setores, havendo muito o que se conquistar e que se produzir intelectualmente.

Sobre os arquivos, a lei n. 8.59/91, art.7 diz que “Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias”, e o art. 11 da mesma lei, conceitua arquivos privados como conjuntos de documentos oriundos de pessoas físicas ou jurídicas. A lei (idem ibdem) segue informando:

Art. 11 - Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades; Art. 12 - Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional; Art. 12 - Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional.”

E ainda:

Art. 13 - Os arquivos privados identificados como de interesse público e social não poderão ser alienados com dispersão ou perda da unidade documental, nem transferidos para o exterior. Parágrafo único - Na alienação desses arquivos o Poder Público exercerá preferência na aquisição; Art. 14 - O acesso aos documentos de arquivos privados identificados como de interesse público e social poderá ser franqueado mediante autorização de seu proprietário ou possuidor; Art. 15 - Os arquivos privados identificados como de interesse público e social poderão ser depositados a título revogável, ou doados a instituições arquivísticas públicas; Art. 16 - Os registros civis de arquivos de entidades religiosas produzidos anteriormente à vigência do Código Civil ficam identificados como de interesse público e social. (BRASIL, Lei nº 8.159, de 09 de janeiro de 1991).

Esta distinção ordenada pela lei n. 8.59/91, aponta para as devidas diferenças entre os arquivos, sem com isto, apresentar uma hierarquia na importância de se constituir, gerir, preservar os arquivos, sejam eles públicos ou privados e neste último caso, incluindo-se os arquivos comunitários que ainda têm pouca visibilidade dentro da literatura. Belloto (2004, p. 255) descreve-os como arquivos comunitários como: “associações de classe, entidades educacionais e beneficentes, entidades religiosas, culturais, entre outras possibilidades.”

Na arquivística brasileira de um modo geral, convencionou-se dividir os arquivos públicos ou privados em correntes, intermediários e permanentes, para uma melhor compreensão e gestão documental. Segundo o DBTA (2005) os arquivos correntes consistem em documentos que independentemente de estarem em tramitação ou não, são frequentemente consultados pela entidade que os originou, sendo esta responsável por sua administração, devido ao seu valor primário. Por outro lado, os arquivos intermediários são compostos por documentos provenientes dos arquivos correntes, com uso menos frequente, aguardando destinação final. Quanto ao arquivo permanente, trata-se de um conjunto de documentos preservados de forma definitiva devido ao seu valor. Os arquivos correntes e intermediários precisam de um Plano de Classificação e de uma Tabela de Temporalidade para se fazer gestão documental. Nos arquivos permanentes se aplica o Arranjo que é uma sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido.

Antes mesmo de falarmos sobre arquivos privados de família, acreditamos ser relevante, apresentarmos os arquivos privados pessoais, que conseguiram furar a bolha dos estudos sobre arquivos institucionais, trazendo um novo enfoque, preparando um terreno para estudos outros, como os arquivos de família.

Belloto (2004, p.258) diz que: “No caso dos acervos privados é apenas a sensibilização, por persuasão, por especiais interesses e concessões que certos acervos podem ser resgatados para a pesquisa histórica”. Na Paraíba, os trabalhos pioneiros foram realizados por Oliveira (2018), Córdula (2014) e Lima (2022) dentro da Arquivologia e da CI, abrindo espaço para que novos olhares possam despertar interesses pela temática de arquivos privados pessoais e familiares.

Para Oliveira (2012, p. 33) os arquivos pessoais são um “conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social”. Sobre os arquivos privados pessoais e de família, estes ganharam mais notoriedade nos idos da década de 1980, quando a arquivística contemporânea cresceu junto ao processo de digitalização dos documentos, ainda que de forma discreta. Sobre os arquivos privados pessoais, Baumann (2011, p. 24) tece as seguintes considerações:

Os arquivos pessoais e de família, representam uma fonte de pesquisa única capaz de interagir com estruturas comunicacionais de um indivíduo e sua

relação com o mundo. Os avanços de estudos teóricos e metodológicos da arquivologia sobre os arquivos pessoais, transformaram esses conjuntos documentais em preciosos repositórios informacionais para pesquisadores que, a cada dia, se debruçam sobre o estudo de documentos de personalidades do mundo da cultura, da filosofia e das artes.

Baumann (2011) em seus apontamentos sobre arquivos pessoais, amplia esta conceituação para os arquivos de família. O crescimento de interesses por se pesquisar arquivos privados pessoais de interesse coletivo vem crescendo nas últimas décadas, sobretudo quando as pessoas que produziram os documentos são do meio político ou artístico, salvo poucas exceções de personalidades populares ou anônimas que fizeram movimentos significativos na sociedade a qual estavam inseridas.

Para Vidal e Freitas (2011, p.535): “Um arquivista que tenha entre as mãos um arquivo familiar ou pessoal é muitas vezes confrontado com o poder do seu criador, o que é completamente diferente dos arquivos institucionais.”

Sobre os arquivos de família, Silva (2004, p.60) adverte que “estamos perante um Sistema de Informação organizado ou operatório, cujo polo estruturante e dinamizador é uma entidade – Família e Pessoa, cada qual com estrutura própria e ação fixada sempre por objetivos diversos, uns perenes e outros mutáveis.” O trabalho de Silva (2004) aponta para a possibilidade de que os olhares para os arquivos familiares foram se expandindo após os trabalhos realizados sobre arquivos pessoais. Para Rosa (2012a., p.59-152):

Tão diferentes das relações que os investigadores mantêm com os arquivos enquanto materiais de trabalho -, mas também um conhecimento profundo, muitas vezes transmitido pela oralidade, da história das famílias e dos próprios conjuntos documentais.

A obra desta autora se ateve aos Arquivos de família nos séculos XIII-XX em Portugal. Aqui no Brasil estamos caminhando em passos lentos em relação a países europeus, faltando ainda muita estrada para ser ladrilhada no vasto campo da memória referente aos arquivos pessoais e de família. Gonçalves et al (1996, p.24-25) tece as seguintes considerações sobre esta temática, dizendo que:

O Arquivo de Família tem que ser entendido como espaço multifuncional, em que por um lado funciona a lógica da gestão dos assuntos correntes da família e por outro os interesses pessoais de cada um dos indivíduos que a constitui (...). Podemos considerar que o Arquivo de Família vai dar lugar a vários arquivos pessoais, e não já a um conjunto documental que tem um carácter generalizante a toda a família).

Corroborando a ideia de Gonçalves et al (1996), pudemos averiguar in loco familiar, que embora algumas poucas pessoas da família Andriola tivessem algum documento que fizesse menção ao mesmo, outras tinham informações preciosas, cada qual buscou em seu arquivo privado pessoal, resultando num arquivo de família.

3.2 MEMÓRIA, PARA QUE TE QUERO?

A memória é objeto de estudos em diversas ciências e acompanha a vida cotidiana da humanidade numa tentativa de perpetuar pessoas, grupos, sociedades. Gondar (2008), garante que a memória reúne todas as condições favoráveis para o resgate da história das pessoas em suas individualidades ou dentro do coletivo, seja através de uma recordação, ou da ressignificação de uma situação vivida. Ainda segundo Gondar, (2008, p. 3).

Baseado em textos que gozam de bastante reconhecimento, Jacques Le Goff afirma que o conceito de memória nos remete, em primeiro lugar, a um fenômeno individual e psicológico, que possibilitaria ao homem a atualização de impressões ou informações passadas (cf. Le Goff, 1990). Podemos levar mais longe a sua afirmação: teríamos aqui uma memória caracterizada como experiência interior e subjetiva, a qual faltaria a dimensão visível e tangível da memória social: o documento. Na inexistência deste, a memória individual dificilmente poderia ser compartilhada, mas enquanto fenômeno singular, ela seria passível de transmissão, através da palavra.

Ratificando as palavras de Gondar (2008), podemos pensar na memória enquanto uma forte aliada do documento, independente do suporte. A memória que pode ser um insumo para a história e precisa ser retroalimentada pela documentação. Na Arquivologia, em se tratando de arquivos pessoais, a memória pode ser evocada através de documentos pessoais, acadêmicos, profissionais, de outros grupos sociais em que a pessoa titular possa ter participado, mas, um dos documentos de grande relevância são as fotografias, sobretudo quando a elas estão adicionados os testemunhos de vida das pessoas que com ela conviveram, atestando a sua veracidade, autenticando os seus feitos. Para Britto, Corradi, (2007, p.166):

O legado dos arquivos não se restringe à perpetuação da memória do titular do acervo. Esse, por estar inserido dentro de um espaço e tempo, conterà documentos que associam e respondem por uma sociedade e época, ou seja, está imbuída também, em consonância a memória individual, a memória coletiva, aumentando, conseqüentemente, os motivos para a sua preservação.

Arquivo e memória estão sempre convergindo, dialogando, coadunando, caminhando ladeados num esforço não de recuperar, resgatar integralmente aquilo que já se foi, que não é, não será jamais, mas, no sentido de se emparelhar numa luta de fortalecimento na preservação

das identidades pessoais e coletivas. A memória vem à tona através do documento, das pessoas que o produziram, quanto que o arquivo se alimenta, nutre da memória para poder cumprir a sua função social. Para Cook (1998, p. 143):

Os arquivos são templos modernos - templos de memória. Como instituições, tanto como coleções merecedoras de serem lembradas. Igualmente as que são rejeitadas por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos da memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e de nossa consciência social.

A preservação da memória nos permite o reencontro com o passado, trazendo histórias que podem ser ilustradas através de álbuns de fotografias, cartas, bilhetes, diplomas, pertences, etc. Esses, dentre outros artefatos, são fontes informacionais significativas para uma melhor compreensão da história familiar, descobrindo raízes, fortalecendo laços interpessoais e contribuindo para a pesquisa nesse segmento, garantindo a perpetuação da memória para o conhecimento das gerações vindouras, enaltecendo a herdade familiar. Quem escreve sobre si, pretende se apresentar para outras pessoas.

3.3 A ESCRITA DE SI, DE MIM, DE OUTREM

Dentro do escopo teórico sobre arquivos privados pessoais e de família, posicionamos esses arquivos enquanto uma tentativa de se construir uma memória pessoal, da pessoa que acumulou os documentos, organizando o seu arquivo num percurso de se imortalizar; ou da família, onde alguém se incumbiu ou fora incumbido de cuidar do acervo da família e repassar esses cuidados para as gerações futuras, conforme Foucault (1992, p. 141.) assinala ao afirmar que: “Adiciona-se à tradição que é perpetuada nas cadernetas a peculiaridade de seu uso, de suas rememorações, pois o olhar para o passado implica motivo e aprendizado próprios, de quem olha, de maneira a, finalmente, através da escrita e da leitura da mesma, formar a si próprio.”

Mas, para manter um arquivo vivo, sem dispersão documental acidental ou intencional, as famílias e/ou pessoas com iniciativas individuais, de certo modo, faziam gestão de documentos através da instituição, movidas pelo desejo de perpetuação da memória individual ou coletiva. Para Gomes (2004, p.11):

Trata-se de um conjunto de ações, considerando desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita, como é o caso das autobiografias e os diários, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar coleções.

Oliveira (2018, p.49) garante que “a força, mesmo que despreziosa, de acumular seus documentos, coerentemente, parece almejar seu lugar [...], delimitando uma espécie de esboço autobiográfico de seu próprio fazer”.

Escrever sobre si não necessariamente pode ser uma autobiografia ou uma obra de arte literária onde a pessoa que escreve cria uma personagem que lhes oculte, sendo um heterônimo quem responde por ela. Existem várias formas de se escrever sobre si, implicitamente. Uma agenda com detalhes sobre os compromissos diários diz muito de uma pessoa, onde ela está se arquivando todos os dias. Para Abellás (2012, p. 76):

Essa intencionalidade é, em boa parte dos casos, o critério principal para guarda e descarte de documentos, desenhando o arquivo segundo a visão particular de seu produtor e/ou daqueles que tiveram tal documentação sob seus cuidados. E é essa manipulação inicial, plena em valores subjetivos, em grande parte a responsável por estabelecer o que “merece” ser lembrado e o que ‘pode’ – ou ‘deve’ – ser esquecido, em uma pré-seleção documental que foge ao controle do arquivista e de seus métodos.

É impossível manter um arquivo pessoal e de família intacto, sobretudo o familiar. Desde que nascemos ou mesmo antes, começamos a gerar documentação, que nos dias atuais, essas estão em formato digital em sua maioria. Até o final de nossa passagem continuamos produzindo documentos, criando massas documentais, mas, talvez por intuição ou de forma intencional, segundo Abellás (2012) “parte desses documentos vão sendo descartados ou preservados e os que ficarem, serão testemunhos de nossa trajetória”.

Lima (2019, p.29) diz que:

Todo acervo de cunho pessoal traz as evidências do seu criador, responsável pela constituição e guarda de seus próprios documentos, elaborados por si ou armazenados de acordo com a sua trajetória de vida, sendo de certo modo reflexos de seus pensar e fazer socialmente.

Há uma máxima comum que diz que para se perpetuar, a pessoa deve gerar vidas, plantar árvores ou escrever um livro, mas, se arquivar é também uma possibilidade, desde que as gerações posteriores preservem essas memórias. Vamos, portanto, conhecer o arquivo privado pessoal e familiar do Padre João Andriola.

4 JOÃO CARTAXO ANDRIOLA, O PADRE JOÃO ANDRIOLA (1934-2011): ARQUIVOS PRIVADOS DE FAMÍLIA

Artières (1998, p. 11) garante que “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” Nesta esteira, apresentaremos uma breve trajetória de João Cartaxo Andriola que depois de receber um sacramento sacerdotal, passou a ser conhecido como o Padre João Andriola.

Não pretendemos fazer uma apologia a vida do mesmo, não se trata de uma homenagem póstuma meramente sentimental, não. Pretendemos discutir, a partir do seu legado enquanto líder religioso, os arquivos pessoais de família dentro da Arquivologia.

Segundo o livro “Deus nos quer sorrindo” (Andriola, 2004), João Cartaxo Andriola, conhecido como Padre João Andriola, nasceu na cidade de Cajazeiras, sertão da Paraíba, em 23 de novembro de 1934. Filho do então comerciante Francisco Ferreira Andriola e Ana Otília Cartaxo Andriola, fazendo parte de uma família com um total de onze, entre filhas e filhos. Atualmente, restam apenas quatro pessoas dessa prole.

Foto 1 - Família Andriola, Cajazeiras, PB, 1967.



Fonte: Arquivo da Família Andriola.

Foto tirada em 1967, na casa de Zélia Andriola. Da esquerda, para a direita, na fileira inferior: a Freira Idalina (irmã), Ana Otília (mãe), Marconi (primo), Raimunda Andriola (tia

paterna) e Odília Cartaxo (tia materna). Acima, da esquerda para a direita: Maria (irmã), com um bebê nos braços, Francisca Cartaxo (tia materna), o Padre João (atrás da sua mãe), os irmãos Francisco, Terezinha e Zélia (com um bebê nos braços), respectivamente. Acima, na última fileira, da esquerda para a direita: Antônia (irmã), Paulo (irmão), Amâncio Cartaxo (tio) e Miguel.

De acordo com o prefaciador da sua autobiografia, o jornalista Wellington Farias (Andriola, 2004), João Andriola concluiu o curso primário, no Grupo Escolar Monsenhor Milanez, na cidade de Cajazeiras (PB). O site Coisas de Cajazeiras, publicou algumas vezes o histórico do que eles demonstraram ser um filho ilustre. Segue abaixo uma linha do tempo do mesmo para uma melhor compreensão de sua vida de fé.

- **1934:** Ano do seu nascimento, na cidade de Cajazeiras/PB.
- **1964:** Foi ordenado Sacerdote, por Dom Zacarias Rolim de Moura, na Catedral Nossa Senhora da Piedade, em Cajazeiras/PB.
- **1965:** Recebeu o título de Cidadão Santa-Cruzense, pela Câmara Municipal de Santa Cruz/PB.
- **1965 – 1967:** Atuou como Vigário na cidade de Santa Cruz/PB.
- **1968 - 1969:** Atuou como Vigário na cidade de Jericó/PB.
- **1969 – 1972:** Atuou como Vigário na cidade de Ibiara/PB.
- **1971:** Recebeu o título de Cidadão Ibiarense, pela Câmara Municipal de Ibiara/PB
- **1972 – 1980:** Atuou como agente de mobilização (relações públicas) do MOBREAL-PB
- **1980:** Foi morar no bairro Altiplano, em João Pessoa (PB), deixando suas atividades no MOBREAL para dedicar-se à construção da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no mesmo bairro.
- **1995:** Recebeu o título de cidadão pessoense, pela Câmara Municipal de João Pessoa/PB.
- **2011:** Faleceu no bairro Altiplano, na cidade de João Pessoa/PB,
- **2016:** Chegada dos restos mortais para a igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
- **2020:** Inauguração da praça que tem o seu nome, no Altiplano.

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Wellington Farias (Andriola, 2004), inicialmente, o Padre João Andriola estudou o 1º ano ginásial no Colégio Salesiano Padre Rolim, em Cajazeiras, onde foi premiado

na qualidade de aluno mais aplicado daquela instituição de ensino. Posteriormente, fez os cursos ginásial e colegial no Seminário Arquidiocesano da Paraíba. Em João Pessoa, também, cursou teologia e filosofia, no mesmo Seminário. Nora (1993, p. 13) assegura que é preciso criar arquivos “para manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. A inexistência desses arquivos pode ocasionar num processo de apagamento das pessoas, das famílias. Sobre as autobiografias, Lakatos (2003, p. 180) compreende que:

Não é fácil diferenciar diários, memórias e autobiografias, pois, além de correlacionados, uns podem conter partes de outros. Diário seria o documento escrito na ocasião dos acontecimentos que descreve; memórias consistem em reminiscências do autor em relação a determinado período, auxiliado ou não por diários, mas ele próprio pode não ser o personagem central; autobiografia é um registro cronológico e sistemático da vida do autor, que se configura como personagem principal.

A autobiografia do Padre João Andriola foi determinante para a escrita deste trabalho. De acordo com o livro de Andriola (2004), ele ordenou-se sacerdote em 12 de janeiro de 1964, por Dom Zacarias Rolim de Moura na Catedral Nossa Senhora da Piedade, em Cajazeiras. Depois, foi designado Vigário na cidade de Santa Cruz (PB), também, foi Vigário Interino, na cidade de Jericó (PB) no período 1968/69, no período 1969/72, foi Vigário na cidade de Ibiara, sertão paraibano.

Foto 2 - Ordenação sacerdotal do Padre João Andriola (Ajoelhado, ao centro).



Fonte: Andriola (2004).

A relevância da atividade sacerdotal do Padre João Andriola, não se constituía apenas para a comunidade do bairro Altiplano em João pessoa, mas, para uma considerável parcela da sociedade católica paraibana, que o conheceu ao frequentar as missas que ele celebrava noutras cidades e mesmo em encontros casuais nas ruas, ou em visitas que costumava fazer quando solicitadas pelas pessoas da paróquia.

Para organizar um arquivo privado pessoal e de família, é necessário que se faça o arrolamento de todos os documentos possíveis, criando dossiês para facilitarem a organização destes, sobretudo na hora da escrita. Quanto ao gênero documental, de acordo com informações extraídas da NOBRADE (2006, p.15):

Trata-se de uma “reunião de espécies documentais que se assemelham por suas características essenciais, particularmente o suporte e o formato, e que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso [...]”.

Por sua vez, Bellotto (2004, p.266) diz que esses documentos são um:

Conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividades de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de atuar, agir, pensar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade.

A importância da trajetória do Padre João Andriola para a comunidade católica foi-nos apresentada através das falas colhidas por pessoas das paróquias por onde ele passou. Falas confrontadas com a documentação fotográfica e os relatos do mesmo em sua autobiografia, sob o consentimento da Arquidiocese da Paraíba.

Sobre os arquivos privados de família, Oliveira, (2013), apresenta em seu trabalho, um arquivo familiar secular, que foi doado a Fundação Casa Rui Barbosa. Para Oliveira, (2013, p.205):

“A Coleção Família Barbosa de Oliveira foi doada para a Fundação Casa de Rui Barbosa em 1993 pela família de Américo Lourenço Jacobina Lacombe. A coleção retrata, em seus documentos, o modo de viver e de se relacionar da família no período de 1778 a 1965. O recorte realizado por este projeto restringe-se à documentação dos séculos XVIII e XIX.”

Embora parte significativa da memória documental deste país seja advinda das famílias, existe uma literatura bastante pequena. A primeira família a trazer documentos oficiais para o Brasil, assim como uma rica biblioteca, foi a família real portuguesa em 1808, quando de sua transferência para a colônia portuguesa. Junto a ela, vieram outras famílias da alta realeza com as suas documentações e aqui se juntaram a uma elite local que também tinham documentos privados pessoais e de família, mas que também tinham relevância social. Para Macedo (1996, p.86):

Noutros tempos as famílias tinham necessidade de guardar os documentos que comprovavam a posse das suas propriedades, hoje cada vez mais escasseiam as grandes casas de família. A penúria das grandes casas leva, inevitavelmente, à dispersão e venda dos seus arquivos. Daí que normalmente hoje os arquivos de família sejam arquivos “fechados”, que tem a ver com um passado mais ou menos remoto, mas totalmente desligado da vida atual.

Nas sociedades contemporâneas este foco foi aos poucos mudando, se adequando à outras necessidades, quanto que o país foi perdendo a predominância rural com o advento da revolução industrial. Mas, guardar, gerir empiricamente os documentos não era tarefa exclusiva das famílias elitistas não, as pessoas empobrecidas precisavam também guardar seus

documentos para fins de provas para adquirirem benefícios de seguridade social, comprovação de escolaridade, certidões, boletos pagos, etc. bem como as memórias afetivas como os álbuns de famílias e até diários, sobretudo das moças. Rosa (2012, p.15) entende que:

O interesse renovado nos arquivos e na história de comunidades, família e pessoais, a que hoje em dia assistimos, prende-se sem dúvida com a rápida transformação do mundo ao nosso redor, mas ainda, e talvez mais, com uma redefinição de identidades que tem a novidade de incorporar de algum modo as transformações, e de procurar um sujeito plural, não já só o filho de uma pátria-nação mas sim, antes, ou também, membro de uma família, de uma comunidade, de um local, de uma etnia, etc., possuindo histórias próprias no interior das grandes narrativas oficiais, e não raras vezes em conflito com estas.

Quando vasculhamos os documentos produzidos por uma pessoa ou os documentos de sua família, conseguimos compreender qual a importância que a memória familiar ocupa para as pessoas de forma individual e coletiva, como estas guardam, selecionam e descartam seus documentos. Podemos perceber também, a multiplicidade da vida das pessoas. Para Gomes (2004, p. 13):

As práticas da escrita de si, podem evidenciar assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser decomposto em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc.

Gomes (2004) atenta para as mudanças na trajetória individual das pessoas ao longo da vida e sobre o nosso sujeito da pesquisa, também compreendemos que ele ocupou alguns papéis sociais em suas distintas funções: sacerdote, gestor de paróquias, educador, parente, familiar, como veremos a seguir.

Conforme os escritos de sua autobiografia, Andriola (2004, p.18), diz que, como Vigário da cidade de Santa Cruz, fundou o Ginásio Comercial Paulo VI, primeiro e único do município, onde foi também o primeiro diretor desse educandário. Posteriormente, desenvolveu gestões com sucesso, permitindo-o adquirir um prédio próprio nesse mesmo estabelecimento de ensino. Na mesma cidade, também fundou um ambulatório e uma maternidade, ainda em pleno funcionamento, idealizou e fundou ali, o Centro Paroquial.

Foto 3 - Casa paroquial de P. João Andriola.



1ª Casa Paroquial de Pe. João Andriola, construída por ele em Santa Cruz. O padroeiro é o Sagrado Coração.

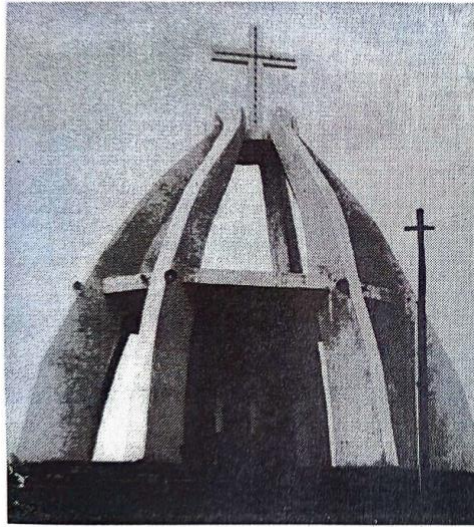
Fonte: Andriola (2004).

Andriola (2004, p.18) assevera que noutro momento, foi Vigário Interino da cidade de Jericó (PB) e deu continuidade à construção do Ginásio Comercial Nossa Senhora dos Remédios. Na cidade de Ibiara, no sertão paraibano, também, enquanto Vigário, fundou o Ginásio Comercial Padre Manoel Otaviano, do qual, também, foi o primeiro diretor. Fundou a Maternidade e o Ambulatório São Vicente de Paula, depois transformado em hospital; fundou o Centro Educativo Professora Edvirges Arruda, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Sociedade São Vicente de Paula, entidade criada com o objetivo de ajudar pessoas carentes, ainda fundou a Biblioteca Municipal, além do Clube de Jovens de Ibiara.

No período da seca de 1970, prestou assistência aos flagelados do município de Ibiara e de outros municípios vizinhos, conseguindo frente de trabalho, através da SUDENE; roupas e alimentos, através da Cáritas Diocesana.

Posteriormente, na cidade de Santana de Mangueira (PB), construiu uma gruta, em homenagem à Nossa Senhora, cujo projeto arquitetônico foi uma miniatura da Catedral de Brasília. Através da ajuda municipal, começou a construir casas residenciais, expandindo a pequena cidade e fundando ali, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Ainda, no sertão paraibano, foi benfeitor da Comunidade Riacho Fundo, no município de Engenheiro Ávidos.

Foto 4 - Gruta Nossa Senhora de Fátima, em Santana, Mangueira.



Gruta Nossa Senhora de Fátima, em Santana de Mangueira, construída por Pe. João (1970). Ele era vigário de Santana de Mangueira e de Ibiara.

Fonte: Andriola, 2004.

Andriola (2004, p.19) garante que foi agente de mobilização (relações públicas) no MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), no estado da Paraíba, entre 1972/80, a convite do então presidente do MOBRAL/PB, Dr. Juarez Cezar de Carvalho. Transferido para João Pessoa, durante esse tempo, foi Vigário Cooperador da Catedral de Nossa Senhora das Neves e Capelão das Igrejas: Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Penha.

De acordo com Andriola (idem ibidem), em 1980, foi morar no bairro Altiplano, em João Pessoa, deixou suas funções no MOBRAL e a pedido de vários moradores do bairro, passou a dedicar-se, exclusivamente, à construção da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, edificada a partir de oferta espontânea do povo paraibano. Em 1989, o Padre João Andriola comemorou os seus 25 anos de sacerdócio.

Em entrevista com o sr. Paulo Andriola, irmão do Padre Andriola, atualmente com 85 anos, e com a sua companheira Miriam Andriola, foi mencionada quão importante foi a construção da Igreja para o desenvolvimento do bairro, estimulando o surgimento de outras obras nos arredores, como, construção de escola, associação de moradores, entre outras.

O Padre João, através de uma ampla visão social, iniciou no bairro a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com três turmas: história, língua portuguesa e matemática, sendo a doutrina social “alavancada” por ele.

Na imagem abaixo, temos um registro importante da vida sacerdotal do Padre Andriola, que se encontrava preservado graças ao seu esforço em cuidar de sua documentação, bem como o hábito de algumas pessoas da família guardarem fotos em seus álbuns de retratos.

Foto 5- Missa dos 25 anos de sacerdócio de Pe. João.



Missa dos 25 anos de sacerdócio de Pe. João.

Fonte: Andriola, 2004.

Para referendar as ações do Padre João Andriola, fizemos um levantamento junto a família, de pessoas que testemunharam as suas ações para serem entrevistadas. Nas realizações das entrevistas, buscamos aproximar a história oral da memória, num esforço não de reconstruir o que já não é mais, mas, de constituir uma memória daquilo que já foi. Este fazer, torna-se possível graças a contribuição de documentos diversos, como os recursos áudio visuais, imagéticos (fotografias, iconografias, mapas) etc. Sobre o método da história oral, das entrevistas, Lozano (2006, p. 16) informa que:

A história oral é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitem, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.

Sobre as entrevistas, Lakatos (2003, p. 197) fala da qualidade da não dirigida, onde: “Há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.”

Conversamos inicialmente com o sr. José Gonçalves Menezes Júnior. Ele foi o primeiro professor de matemática da Escola Padre Roma, durante 36 anos (1986 a 2022), a convite do Padre João Andriola, inclusive, contribuiu para a execução do projeto da Igreja. De acordo com Júnior, o Padre João foi "convencido" a voltar à vida sacerdotal, depois que uma Senhora chamada Estela, descobriu que havia um Padre no bairro, a partir de então, incentivou-o também a construir uma Igreja. Contou-nos Júnior, que, a princípio as missas eram celebradas em algumas casas, nos terraços e quintais. Os dias eram pré estabelecidos e as pessoas eram convidadas a fazerem trabalho de catequese, se iniciando no quintal da casa da Sra. Júlia. A primeira Eucaristia, também aconteceu no quintal de uma das casas, posteriormente foram formados grupos de jovens, pois, o Padre João se identificava muito com eles. Tinha forte influência política e assim conseguiu doação de um terreno para construir a Igreja.

A senhora Eloise Elana Gomes de Menezes é uma das irmãs do Júnior e também fazia parte do corpo voluntário da Igreja, era muito participativa e mantinha um excelente relacionamento pessoal com o Padre João. Ela nos contou que, naqueles dias, o Padre João pediu autorização ao então Arcebispo D. José Maria Pires, para construir a Igreja, ocasião em que lhe foi concedida a autorização. Posteriormente, em visita à construção, o Arcebispo ficou impressionado com o porte da obra e comentou ao Padre João que se tratava de um projeto muito ousado.

Eloise também narrou que, anteriormente, as missas eram celebradas na Associação do Bairro onde o Padre João gostava de reunir pessoas da comunidade para os atos religiosos e demonstrava bastante cuidado com as necessidades delas. Já com a Igreja edificada, celebrava a "missa da cura" frequentada por pessoas que vinham de diversos lugares do Brasil, incluindo Brasília e São Paulo, inclusive Padres da " Canção Nova", todos buscando o renovo espiritual nas missas celebradas pelo Padre João Andriola.

Um episódio incomum, também narrado por Eloise, aconteceu quando da celebração de uma missa onde o Padre João foi informado que o cantor Benito Di Paula estava entre os fiéis. Sem nenhuma formalidade, anunciou a presença do famoso artista e ainda o pediu para "dar uma “palhinha” e cantar uma de suas músicas após a missa. Benito Di Paula atendeu o seu

pedido, em seguida. Contou-nos que o Padre João era de comportamento simples e agia com naturalidade, mesmo quando era necessário fazer alguma solicitação.

O casal Eva Rosane Gomes Menezes dos Santos e Gilberto Moreira dos Santos também conviveram muito com o Padre Andriola. O Sr. Gilberto foi administrador particular do Padre João e administrador da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ajudando na construção da referida. Disse que o Padre João adotava hábitos simples de vida, era humilde e de bom humor, havendo ocasiões em que até se convidava para uma refeição na casa de um amigo, não gostava de usar sapato, estava sempre com uma sandália de couro e a primeira vez que vestiu um paletó, foi na comemoração dos seus 40 anos de sacerdócio.

O Sr. Gilberto comentou que, o Padre João, tinha o espírito franciscano, já havia feito um pedido ao Bispo, para ser franciscano e utilizava um cordão franciscano em volta da batina. Utilizava linguagem popular na Igreja. O Sr. Gilberto declara que o Padre João tinha prazer na servidão aos necessitados e não fazia cerimônia quando precisava pedir ajuda para atender os necessitados, era inclusive conhecido como o Padre "Pidão".

No início da década de 1990, o Frei Damião se hospedou na casa paroquial Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição em Tambauzinho, a convite do Padre João Andriola. Porém, era na paróquia do Altiplano que ele fazia as confissões dos fiéis. Foram de dois a três dias nessa atividade. Uma multidão de pessoas vinda de diversos lugares veio para ver, se confessar, tocar no Frei, causando um verdadeiro tumulto na igreja.

Uma das coisas que popularizou o Padre João Andriola dentro da comunidade cristã católica, foi o pioneirismo nas missas de cura que ele realizava e atraía pessoas que também não professavam da fé católica. Segundo o blogspot Armadura do Cristão:

Padre João Cartaxo Andriola foi o primeiro sacerdote a celebrar a Missa de Cura em João Pessoa, quando ainda era capelão da Igreja das Mercês. Há 15 anos, ele iniciou a celebração da Missa de Cura na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que atraía fiéis de vários municípios paraibanos e devotos, inclusive, de outras cidades brasileiras, a exemplo de Natal (RN), Recife (PE), Brasília (DF) e São Paulo (SP). (Portal Correio, 2011).

Essas missas e a repercussão das mesmas foram registradas em sua autobiografia, contendo inclusive, trechos de relatos de pessoas que se curaram e lhes enviaram cartas agradecendo.

O Padre João Andriola, faleceu aos 76 anos de idade, no dia 28 de janeiro de 2011 (numa sexta-feira), vítima de parada cardíaca, enquanto se dirigia a um posto do Programa de Saúde da Família (PSF), no bairro Altiplano.

Dona Benedita Dutra de Moraes Almeida, conhecida como dona Bené, foi ministra de Eucaristia durante 35 anos, na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (bairro Altiplano) e tinha muita intimidade com o Padre João Andriola, conversava com ele, inclusive, sobre sua vida pessoal. Comentou Dona Bené, que certa vez, o Padre João externou o desejo de “morrer servindo ao povo, pois, não queria doença para dar trabalho a ninguém”.

É fato que, ao retornar de uma consulta com o dentista, em um posto médico em frente à casa de Dona Bené, veio a falecer em sua calçada. Comprazida de um sentimento fraternal, ao tomar conhecimento do ocorrido, pediu autorização à família do Padre, para que o seu corpo fosse levado ao interior de sua casa, em seu quarto, para que, sobre a sua cama, a empresa funerária pudesse fazer os procedimentos necessários, preparando o seu corpo para ser velado na Igreja Nossa. Senhora do Perpétuo Socorro. Atualmente, no muro da casa da Dona Bené, foi colocada a imagem de uma santa, demarcando o local onde o Padre João faleceu. O falecimento do Padre João Andriola repercutiu na imprensa paraibana, sendo noticiado pelo jornal da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Miramar e pelo Jornal da Paraíba (2011).

Atualmente, os restos mortais do Padre João Andriola estão guardados na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro Altiplano, onde celebrava as missas de cura, conforme notícias do portal WSCOM (2016):

Agora é oficial: no próximo dia 28 de janeiro, às 19 horas, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Altiplano Cabo Branco, será celebrado uma missa para introdução dos restos mortais de padre João Andreola, fundador da igreja, onde vão ficar definitivamente. Desde já os organizadores convidam a todos, em especial os muitos fiéis e amigos deixados por ele, para se fazerem presentes.

Fechando-se um ciclo de vida do sujeito da nossa pesquisa, entendemos que é importante apresentarmos os resultados das discussões acerca da temática arquivos privados pessoais e de família a partir do estudo de caso em curso.

5 RESULTADOS DA PESQUISA: ONDE CHEGAMOS

Como resultados da pesquisa, compreendemos que as sociedades humanas sempre se agruparam em torno de um núcleo de pessoas que foram se familiarizando, construindo uma identidade coletiva e ao mesmo tempo, produzindo, acumulando documentos e salvaguardando-os também.

No contexto da salvaguarda de documentos, erigimos uma tríade entre a CI – Arquivologia (arquivos privados pessoais e de família), a Memória, enquanto referencial teórico e a Escrita de Si enquanto metodologia, onde a Arquivologia surge num cenário capitalista moderno com a missão de organizar, gerenciar essa documentação produzida pelas pessoas. Afora as instituições públicas e corporações, as pessoas também produzem e organizam os seus arquivos privados pessoais, e estando inseridas em grupos coletivos como famílias, esses arquivos tornam-se maiores e mais complexos. Fazer a gestão de documentos de arquivos privados pessoais e de família é de grande relevância para a preservação das memórias sociais, partindo do seio familiar para as cidades, estados, países.

Um acervo de uma família pode desvendar interrogações que perduram por séculos, pode equacionar problemas uma vez que sejam revelados, disponibilizados enquanto um serviço de informação, pode salvar vidas inocentes ou condenar pessoas culpadas que o tempo não havia revelado ainda.

Abrir as caixas de um arquivo privado de família é mais que se deparar com os velhos e bons álbuns de fotografias, com as cartas de amor surpreendentes, com testamentos que estavam ocultos, com laudos médicos revelando doenças de entes que já se foram. É criar, através desse arquivo, uma ponte com um passado de uma região e/ou com soluções reais no presente que influenciarão no curso novo que um determinado rio tomou, modificando as estruturas vigentes. O baú da memória é um poço sem fundo, onde cada pessoa poderá encontrar aquilo que procura, ou mesmo acertar noutra alvo.

Sobre o Padre João Andriola, constatamos que o mesmo era uma figura notável na sociedade paraibana, que em virtude do seu legado enquanto líder religioso e gestor, era portador de vários títulos de cidadania, a saber: Cidadão Santa Cruzense; Cidadão Ibiarense e Cidadão Pessoaense, concedidos pelas respectivas Câmaras Municipais, que deixou uma autobiografia onde ponderou que:

Não sou santo, mas apenas um ser humano em quem Deus Pai todo misericordioso depositou a missão do sacerdócio. A diferença entre mim e vocês, talvez esteja em eu acreditar que estou aqui, única e exclusivamente para servir a vocês, que são os meus irmãos em Cristo, meus filhos espirituais no meu sacerdócio. Todo padre é pai de uma numerosa família dada por Deus à comunidade em que atua. (Andriola, 2004, p.19)

Em entrevista com o Sr. Gilberto, descobrimos que após o falecimento do Padre João Andriola, o Sr. Gilberto demonstrou o seu interesse (e de uma parte do corpo ministerial da Igreja), de guardar alguns pertences deixados pelo Padre João. Seriam artigos do vestuário, calçados ou quaisquer outros objetos, com a finalidade de preservar a sua memória, através da organização do seu acervo pessoal. Ele nos disse que quando entraram em contato com a família, foram informados que não havia pretensão para tal pleito e, dessa forma, o projeto não foi executado.

Durante a pesquisa constatamos também que a documentação deixada pelo Padre João Andriola, preservada, é mínima, tendo sido a sua autobiografia o documento mais importante para se escrever sua trajetória. Segundo os irmãos do Padre, os objetos guardados pela família foram: uma caneca de alumínio, uma mesa de jardim com quatro bancos em concreto, dois aparadores e um quadro com a imagem de Jesus. Ele tinha uma casa situada no bairro Altiplano que está em processo de inventário e alugada pela família, para um dos seus sobrinhos. Também, uma outra casa que utilizava para o descanso nos finais de semana, localizada em Barra de Gramame, que fica à disposição da família, para encontros e também está em processo de inventário, conforme informações da própria família do Padre João.

Com quase dez anos após o seu falecimento, o Padre João foi homenageado pela prefeitura de João Pessoa, no bairro em que passou parte da sua vida. No site da prefeitura, publicaram uma matéria sobre a inauguração do equipamento que recebeu o seu nome. A matéria diz que:

O prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, entregou, na noite desta terça-feira (28), a Praça Padre João Cartaxo Andriola, o equipamento público de lazer de número 58 entregue pela atual gestão da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) dentro do programa de praças e parques. Localizada no bairro Altiplano, a nova praça se soma às demais já construídas ou requalificadas pela gestão para oferecer mais espaços públicos que promovem a qualidade de vida e bem-estar para a população. (Secom-JP, 2020).

Como estes resultados, nos deparamos com uma possibilidade de pesquisarmos em um rico acervo, visto que o mesmo foi extraviado, perdido ao longo do tempo, mas que devido a intenção do seu produtor em se auto registrar, pudemos responder à questão problema suscitada

no início da pesquisa, com a afirmativa de que sim, o arquivo privado pessoal e familiar do Padre João Andriola revelou a sua importância para a Igreja Católica paraibana e, principalmente, para as comunidades as quais serviu.

6 CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS: PARA ONDE VAMOS?

Foi uma jornada gratificante, associar a experiência na arquivologia com o trabalho de conclusão de curso, considerando o embasamento interdisciplinar (teórico) e a prática das atividades em campo, na busca de objetos informacionais, através de pesquisas bibliográficas, assim como, de fontes orais, consolidando as informações coletadas, evocando conseqüentemente, a memória do Padre João Andriola, mesmo que não esteja mais entre nós.

Consideramos que o legado do titular não está condicionado à imortalidade da sua memória, mas que os documentos contidos em seu acervo representam uma gama de subsídios que tanto pode ser explorada para representação de uma memória, como para o uso de atributos para pesquisas na área acadêmica, enquanto objeto de estudo arquivístico.

Todavia, acreditamos que, por representarem uma determinada época da vida de uma pessoa, os arquivos privados pessoais familiares perpetuam a memória individual e coletiva de uma sociedade, através da diversidade de informações que se cruzam, formando elos, fomentando os motivos para a sua preservação. Mesmo não tendo encontrado um acervo intacto, conseguimos realizar o trabalho com o que restou dele e, graças a existência de uma autobiografia do sujeito da pesquisa e da fonte oral, incluindo familiares dele, que em muito nos ajudou na escrita.

Visto que a memória do Padre João Andriola pode ser importante para a paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, fundada por ele, mas também para a sociedade paraibana onde ele viveu e atuou por décadas. Neste sentido, sugerimos que a referida paróquia possa criar um espaço de memória digital em seu site para fins de preservar o legado do mesmo.

As nossas considerações não são conclusivas, visto que acreditamos que ainda se tem muito por fazer sobre a temática, sobretudo, no que diz respeito aos arquivos familiares no Estado da Paraíba. A pesquisa revelou um traço de comportamento das famílias sobre a preservação da memória, o que de forma alguma, desmerece o zelo para com o sujeito. Do contrário, apenas nos mostra como precisamos ainda caminhar na estrada da preservação dos arquivos privados pessoais e de família.

REFERÊNCIAS

- ABELLÁS, José. Arquivos pessoais, saberes coletivos: a organização da documentação pessoal e pública de cientistas – o caso Hussak, 2012. In: SILVA, Maria Celina; SANTOS, Paulo Elian. **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2012. 191p.
- ALMEIDA, M. M de. **História Oral e Formalidades Metodológicas**. Recife: 5º encontro Nacional de história oral, abril, 2010.
Disponível em:
(https://www.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488_ARQUIVO_ABHOHistoriaoraleformalidadesmetodologicas.pdf). Acesso em: 26 abr. 2024.
- ANDRIOLA, João Pe. **Deus nos quer sorrindo**. João Pessoa: Idéia, 2004.
- ARMADURA DO CRISTÃO. **Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro homenageia o Padre Andriola**. Disponível em (<http://www.armaduradocristao.com.br/2011/02/parouquia-nossa-senhora-do-perpetuo.html>). Acesso em: jan. 2024.
- ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.11, 1998. Disponível em (<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>). Acesso em: jan. 2024.
- BAUMANN, E. S. **O Arquivo da Família Calmon à Luz da Arquivologia Contemporânea**. Salvador, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, 2011.
- BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BRASIL. Lei nº 8.159, de 09 de janeiro de 1991. **Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 jan.1991. Disponível em: (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18159.htm). Acesso em: 19 jan. 2024.
- BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: (https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf). Acesso em: 12 jan. 2024.
- BRITTO, A. C. L; CORRADI, A. **Considerações teóricas e conceituais sobre arquivos pessoais**. Salvador: Pontode. v. 11. n. 3. p. 148-169. dez, 2017) Disponível em:
(<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/22745>). Acesso em: jan. 2024.
- CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da informação**. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. Anais... Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003. Disponível em:
(https://www.capurro.de/enancib_p.htm). Acesso em jan. 2024.
- COOK, T. **Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais para um entendimento arquivístico comum da formação de Memória em um Mundo Pós-moderno**. Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998. Disponível em: (<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2062>). Acesso em: jan. 2024.

CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz. **Arquivo privado pessoal e de família**: percepção dos concluintes dos cursos de Arquivologia da cidade de João Pessoa-PB. Monografia (Graduação em Arquivologia) – UFPB/CCSA. João Pessoa: UFPB, 2015. 93 f.

CRESWELL, J.W. (2012). **Educational research**: Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research (4th ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson Education. Disponível em: (<http://www.ceil-conicet.gov.ar/wp-content/uploads/2018/04/CRESWELLQualitative-Inquiry-and-Research-Design-Creswell.pdf>). Acesso em: jan. 2024.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.

DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. **Manual de organização de arquivos pessoais**. – Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2015. 84 p. Disponível em: (https://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/manual_organizacao_arquivos_fiocruz.pdf). Acesso em: jan. 2024.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (Org.). Usos e Abusos da História Oral. In: LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FIGUEIREDO, C. G. **História Oral e Memória**: significados e importância para a valorização das identidades e dos lugares. Juiz de Fora: Revista Casa D'Italia. ano 3. n. 19. 2022. Disponível em: (<https://casaditaliajf.com.br/2022/01/17/revista-casaditalia-historia-oral-e-memoria-significados-e-importancia-para-a-valorizacao-das-identidades-e-dos-lugares/>). Acesso em: jan. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇAVES, M. S. et alii (1998). **Arquivos de Família**: Organização e Descrição. Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real.

GONDAR, Jó. **Memória Individual, Memória Coletiva, Memória Social**. Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas. n. 13. 2008. Disponível em (<https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>). Acesso em: 24 abr. 2024.

JORNAL DA PARAÍBA. **Morre de infarto o padre João Andriola, em João Pessoa**. **Jornal da Paraíba**. Disponível em (https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/vida_urbana/morre-de-infarto-o-padre-joao-andriola-em-joao-pessoa/). Acesso em: 24 abr. 2024.

KÖCHE, José Carlos **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Disponível em: (http://www.adm.ufrpe.br/sites/ww4.deinfo.ufrpe.br/files/Fundamentos_de_Metodologia_Cienti%CC%81fica.pdf). Acesso em: fev. 2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: (https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india). Acesso em: fev. 2024.

LIMA, Valdir. **O arquivo pessoal de Heliton Santana como fonte de informação e memória: a militância social na Paraíba**. 1 ed.- Maringá: Viseu, 2022.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. (2006) Práticas e estilos na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

MACEDO, Ana Maria da Costa. **Os Arquivos de Família e as fontes documentais de vida cotidiana: o exemplo do Arquivo da Casa do Avelar**. FÓRUM 46. 2011, P.81-96. Disponível em (<file:///C:/Users/CLIENTE%20INFORMANIA/Downloads/admin,+5.+Os+Arquivos+de+Fam%C3%ADlia.pdf>). Acesso em abril de 2024.

MALHEIRO, A. **A Informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico**. Porto: Afrontamento, 2006.

MELO NETO, João Cabral de. **O profissional da memória**. In: Museu de tudo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (p. 111-112).

NOBRADE: **Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 2006. 124p.: 29,7c. Disponível em: (<https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/nobrade.pdf>). Acesso em abril de 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história. História & cultura. (Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP). São Paulo, dez. n. 10, 1993. Disponível em: (<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>). Acesso em: fev. 2024.

OLIVEIRA, Bernardina M. J. Freire de. **José Simeão leal: o editor público brasileiro**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Projeto Tipologia Documental na Família Barbosa de Oliveira**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Memória e Informação. Serviço de Arquivo Histórico e Institucional. Programa de Iniciação Científica (PIC) 2013-2015. Disponível em: (https://ppgci.uff.br/wpcontent/uploads/sites/86/2019/11/Tipologia_Documental_FCRB.pdf). Acesso em: fev. 2024.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PORTAL CORREIO. **Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro homenageia Padre João Andriola**. Disponível em (<http://www.armaduradocristao.com.br/2011/02/parouquia-nossa-senhora-do-perpetuo.html>). Acesso em: fev. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Luciano entrega praça no Altiplano e programa de praças e parques da gestão chega à marca de 58 unidades entregues**. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em: (<https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/luciano-entrega-praca-no>

[altiplano-e-programa-de-pracas-e-parques-da-gestao-chega-a-marca-de-58-unidades-entregues](#)). Acesso em: 02 fev. 2024.

ROCHA, Maria Meriane Vieira da. **Um olhar sobre os cursos de Arquivologia no Brasil á luz a informação**. Tese (Doutorado). UFPB/CCSA. João Pessoa: UFPB, 2021, 216 f.: il.

ROSA, Maria de Lurdes (Org.) **Arquivos de família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?** Lisboa: IEM; CHAM; Caminhos Romanos, 2012a. Disponível em: (<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/arquivos-de-fam%C3%A9lia-s%C3%A9c-xiii-xx-que-presente-que-futuro>). Acesso em: 02 fev. 2024.

SAUNDERS, M.; LEWIS, P.; THORNHILL, A. **Research methods for business students**. Harlow, England: Pearson Education, 2000.

SECOM-JP. **Luciano entrega praça no Altiplano e programa de praças e parques da gestão chega à marca de 58 unidades entregues**. Prefeitura Municipal de João Pessoa: 2020. Disponível em: (<https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/luciano-entrega-praca-no-altiplano-e-programa-de-pracas-e-parques-da-gestao-chega-a-marca-de-58-unidades-entregues/>). Acesso em: 09 abr. 2024.

SILVA, Armando B. Malheiro da. **Arquivos familiares e pessoais: Bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo**. Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO Porto, 2004. I Série vol. III, pp. 55-84. Disponível em: (<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf>). Acesso em: mar. 2024.

SOARES, Francelino. **Da religiosidade cajazeirense (III) - Padre João Andriola**. Coisas de Cajazeiras. Disponível em: (https://coisasdecajazeiras.com.br/colaboradores/da-religiosidade-cajazeirense-iii-padre-joao-andriola/#google_vignette). Acesso em: 04 maio 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VIDAL, Alexandra e FREITAS, Judite Gonçalves de. **Reminiscências familiares do arquivo de Souza Costa**. III Congresso Internacional -Casa Nobre: Casa das Artes, Arcos de Valdevez, 2011, p. 529-539. Disponível em: (https://www.academia.edu/5901619/Reminisc%C3%A9ncias_familiares_do_Arquivo_dos_Souza_Costa?email_work_card=view-paper). Acesso em abril de 2024.

WSCOM - Inovação e credibilidade. **Restos mortais de Padre Andreola passam a ser guardados na Igreja do Altiplano**. Disponível em: (<https://wsc.com.br/restos-mortais-de-padre-andreola-passam-a-ser-guardados-na-igreja-do-altiplano/>). Acesso em: fev. 2024.

